



Dicionário em sala de aula: análise da macro e microestrutura textual

Dictionary in the classroom: analysis of textual macro and microstructure

Vera Maria Ramos Pinto *

Thiago Leonardo Ribeiro **

RESUMO: Neste artigo, temos como objetivo fazer uma análise contrastiva entre quatro dos 19 dicionários selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático, PNLD 2012: *Dicionários*, dois do Tipo 2 e dois do Tipo 3, a fim de verificar os critérios utilizados pelos lexicógrafos na composição destes dicionários no que diz respeito à macro e à microestrutura textual. Neste trabalho, também, abordamos o livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, uma publicação do Ministério da Educação e Cultura que acompanha cada acervo dos dicionários escolares que foram avaliados e selecionados pelo PNLD 2012 e tem como propósito apresentar aos professores o mundo dos dicionários quanto às características gerais desses acervos, esperando que o uso desses materiais possa ser otimizado.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionários escolares. PNLD 2012. Macro e microestrutura textual.

ABSTRACT: In this article, we aim to make a contrastive analysis among four of the 19 dictionaries selected by the National Program of Didactic Book, 2012 PNLD: *Dictionaries*, two of Type 2 and two of Type 3, in order to examine the criteria used by lexicographers in the composition of these dictionaries with respect to macro and microstructure textual. In this study, we also approach the book *With Right to the Word: Dictionaries in the Classroom*, a publication of the Ministry of Education and Culture that accompanies each collection of school dictionaries that were evaluated and selected by 2012 PNLD, and purposes to present to teachers the worlds of dictionaries as to the general characteristics of these collections, hoping that the use of these materials can be optimized.

KEYWORDS: School dictionaries. 2012 PNLD. Textual macro and microstructure.

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina-UEL. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná-UENP, Campus Jacarezinho. veramaria@uenp.edu.br

** Doutorando em Estudos da Linguagem pelo PPGEL/UEL. Bolsista CAPES/DS. thiagoleonardoribeiro@gmail.com

1. Introdução

O uso de dicionários de língua portuguesa auxilia, em muito, o desenvolvimento cognitivo do aluno. São muitas as contribuições que o uso de um dicionário, principalmente, em sala de aula, pode trazer. Entre estas contribuições, destacamos a ampliação do conhecimento: do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos, bem como de aspectos gramaticais dos itens léxicos, de usos e da variação linguística.

Neste contexto, Krieger (2003) afirma que, devido ao conjunto de informações que oferece, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua e, como tal, pode funcionar como efetivo instrumento didático, auxiliando no desenvolvimento de muitas competências básicas, inerentes a todo aprendizado.

Além do mais, os dicionários podem ser usados como instrumentos potenciais para o aprendizado e desenvolvimento da leitura, da redação e da comunicação em geral. A autora assevera, ainda, que “[...] os dicionários podem também contribuir para o conhecimento descritivo da língua, em razão do conjunto de informações que os verbetes costumam oferecer, como saber da existência de alguma palavra, de como é escrita ou pronunciada, de seus sentidos primeiros e os conotados” (KRIEGER, 2007, p. 301).

Por isso, são muitos os benefícios que um dicionário pode trazer, pois, ao mesmo tempo em que o seu uso traz conhecimentos que favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito e do saber sobre o funcionamento da língua, a consulta lexicográfica pode contribuir para o processo de alfabetização. Isto, para mencionar apenas as atividades clássicas do ensino, embora muitas outras devam ser pensadas para que a escola obtenha mais resultados em sua missão.

Ciente desta realidade, de que os dicionários, com suas propostas estruturais distintas, podem auxiliar, de muitas maneiras, a diversas atividades didáticas que

motivam o aprendizado, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, desde 2006, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tem enviado às escolas um número significativo de diferentes tipos e títulos de dicionários.

Vale lembrar que, antes disso, não há registro, segundo Gonçalves e Zavaglia (2009), da existência de uma crítica lexicográfica constante e sistemática, como a que começou em 2006, apesar de o ano de 2001 ter sido considerado um marco para a Lexicografia no Brasil, visto que foi a partir deste ano que o MEC, por meio do PNLD, passou a analisar e a selecionar os dicionários que seriam distribuídos a todas as escolas do país.

Assim, presenciamos hoje o crescimento na área editorial chamada de lexicografia pedagógica ou didática. Temos à disposição, no mercado livreiro, um grande número de obras denominadas de dicionários escolares.

Diante de tantos dicionários disponíveis, no ano de 2012, o MEC, junto ao Programa Nacional do Livro Didático, o *PNLD 2012: Dicionários*, avaliou e selecionou, novamente, para as escolas públicas brasileiras, quatro acervos de dicionários adequados ao uso escolar, num processo bastante criterioso coordenado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), incluindo os dicionários direcionados para o ensino médio e profissionalizante, os dicionários do Tipo 4.

Cada acervo, então, reúne obras de um mesmo Tipo, destinadas a diferentes etapas de ensino. As do Tipo 1 são para alunos do 1º ano do ensino fundamental; as obras do Tipo 2 são para os alunos do período entre o 2º e o 5º ano do ensino fundamental; as do Tipo 3, para alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e as do Tipo 4, para os alunos do ensino médio e profissionalizante, totalizando 19 dicionários.

Para apresentar aos professores o mundo desses dicionários enviados às escolas, quanto às características gerais deles e esperando que o uso desses materiais

possa ser otimizado, em cada acervo há o livro *Com Direito à palavra: dicionários em sala de aula*, que tem como título a máxima do objetivo maior do PNLD 2012: *Dicionários*, que é o de fazer com que esses dicionários realmente sejam usados em sala de aula pelos alunos.

Neste artigo, temos como objetivo fazer uma análise contrastiva de quatro dos 19 dicionários selecionados pelo PNLD 2012, dois do Tipo 2 e dois do Tipo 3, a fim de verificarmos os critérios utilizados pelos lexicógrafos na composição desses dicionários no que diz respeito à macro e à microestrutura textual e, também, com isso, verificarmos se, realmente, essas obras são adequadas ao público-alvo a que se destinam: alunos do 2º ao 5º ano, ensino fundamental I, e alunos do 6º ao 9º ano, ensino fundamental II.

Fazemos, também, menção sobre o livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, uma publicação do Ministério da Educação e Cultura que acompanha cada acervo dos dicionários escolares que foram avaliados e selecionados pelo PNLD 2012, por considerarmos esta obra bastante elucidativa e pertinente para o trabalho com os dicionários.

2. O Programa Nacional do Livro Didático e os dicionários escolares

O PNLD foi criado em 1985 e, desde 1996, avalia os livros didáticos que devem subsidiar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de ensino fundamental e médio em todo o país. A partir de 2001, esse programa teve seu foco de atuação ampliado, passando a avaliar também os dicionários destinados aos estudantes de ensino fundamental.

A metodologia de avaliação dos dicionários escolares, empregada no âmbito do PNLD, vem sofrendo alterações periódicas a cada dois anos, desde sua primeira versão, de tal forma que hoje abrange também os dicionários destinados a estudantes do ensino médio.

Entre as principais alterações efetuadas na metodologia de avaliação do PNLD, destacam-se a ampliação do *corpus* de dicionários analisados ao longo dos anos e a sua posterior subdivisão em acervos, motivada pela discriminação das obras em função do público ao qual se destinam – fato que, aliás, constitui a grande inovação do PNLD 2006, em relação às avaliações anteriores (WELKER, 2008, p. 5).

De acordo com o PNLD (BRASIL, 2012), os dicionários destinados ao público escolar são classificados em quatro tipos, tendo em vista dois parâmetros:

- (a) a etapa de ensino à qual se destinam;
- (b) seu porte (em outras palavras, o volume da nomenclatura e a quantidade de informações arroladas na microestrutura).

Quadro 1 – Tipologia de dicionários escolares do PNLD 2012.

Típos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: BRASIL, 2012, p. 19.

Assim, o Ministério da Educação fez chegar às escolas de ensino fundamental e médio da rede pública quatro acervos de dicionários escolares. Cada acervo reúne obras destinadas a diferentes etapas de ensino, conforme o quadro apresentado.

Os dicionários avaliados e selecionados pelo PNLD (2012) e levados às escolas foram:

Tipo 1: 1. Bechara, Evanildo. *Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [1.000 verbetes]; 2. Biderman, Maria Tereza Camargo & Carvalho, Carmen Silvia. *Meu primeiro livro de palavras; um dicionário ilustrado do português de A a Z*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2011. [999 verbetes]; 3. Geiger, Paulo (org.). *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011. [1.000 verbetes];

Tipo 2: 1. Biderman, Maria Tereza Camargo. *Dicionário ilustrado de português*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2012. [5.900 verbetes] 2. Borba, Francisco S. *Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua português* Curitiba: Piá, 2011. [7.456 verbetes] 3. Braga, Rita de Cássia Espechit & Magalhães, Márcia A. Fernandes. *Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Dimensão, 2011. [5.400 verbetes] 4. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio ilustrado*. Curitiba: Positivo, 2008. [10.243 verbetes] 5. Geiger, Paulo (org.). *Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011. [6.183 verbetes] 6. Mattos, Geraldo. *Dicionário júnior da língua portuguesa*. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011. [14.790 verbetes] 7. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. *Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. [7.040 verbetes];

Tipo 3: 1. Bechara, Evanildo (org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. 3 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011. [28.805 verbetes] 2. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011. [30.373 verbetes] 3. Geiger, Paulo (org.). *Caldas Aulete – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [29.431 verbetes] 4. Ramos, Rogério de Araújo (ed. resp.). *Dicionário didático de língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: SM, 2011. [26.117 verbetes] 5. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. *Saraiva jovem; dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010. [19.214 verbetes];

Tipo 4: 1. Bechara, Evanildo. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)] 2. Borba, Francisco S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes] 3. Geiger, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes] 4. Houaiss, Antônio (org.) & Villar, Mauro de Salles (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011 [41.243 verbetes].

Estes acervos estão acompanhados da publicação *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, com informações referentes aos dicionários e às características gerais desses acervos, com o objetivo de apoiar os professores e alunos em suas atividades em sala de aula.

3. Com direito à palavra: apoio aos professores

O livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* está dividido em duas partes. A primeira parte está dividida em seis tópicos: *Dicionários: para quê? Para que servem os dicionários? O que esperar de um dicionário de uso escolar? Novos dicionários estão chegando..., Como são esses dicionários? Como usar esses dicionários?*.

Em todos estes tópicos há considerações importantíssimas acerca dos dicionários, de seu uso, tanto no contexto familiar, escolar, de trabalho, como nas empresas. No primeiro tópico, *Dicionários: para quê?* O professor encontrará explicações sobre nomenclaturas técnicas que dizem respeito aos dicionários; entenderá que o objeto de conhecimento visado pelos dicionários é a palavra; encontrará, ainda, que a disciplina que ele está mais diretamente associado é uma especialidade da linguística, a lexicografia; e que, do ponto de vista epistemológico, a área em que se situa os estudos de um lexicógrafo é a das ciências humanas; “[...] afinal, nada é mais humano que a linguagem, ou o nosso desejo de conhecê-la e dominá-la cada vez melhor” (BRASIL, 2012, p. 9).

Nesse tópico, há, também, informes, depois de uma breve apresentação da trajetória histórica da origem dos dicionários, sobre os dicionários contemporâneos ainda serem orientados com informações enciclopédicas e com informações linguísticas. A preocupação enciclopédica leva os dicionários a associar, a cada palavra registrada, o máximo possível de informações a respeito da *coisa* que ela designa; já a informação linguística, procura revelar de que forma estão organizadas, na língua, as palavras repertoriadas.

Assim, uma palavra como *abacaxi* virá associada, num dicionário, a informações tanto relativas à *coisa* (classificação botânica, usos culinários, região de origem etc.) quanto ao *vocábulo*: substantivo masculino, origem tupi, usado também como gíria, com o sentido de “coisa trabalhosa e complicada”. E é exatamente a orientação predominante para a *coisa* ou para o *vocábulo* que está na base da diferença entre dicionários *enciclopédicos*, no primeiro caso, e *linguísticos*, no segundo.

No segundo tópico, *Para que servem os dicionários?*, aborda-se a questão do uso dos dicionários. Os dicionaristas, ao conceber e elaborar suas obras, devem atender não apenas às suas convicções teóricas, mas também às principais demandas práticas do falante às voltas com as palavras de sua língua.

É esclarecido ao leitor (professor) que, tanto na linguagem oral quanto na escrita, os usuários de uma língua enfrentam, cotidianamente, situações em que o domínio, e mesmo o conhecimento sobre as palavras, pode ser decisivo para a eficácia de uma ação.

Para elucidar essa assertiva, cita-se o exemplo de um médico que, ao usar um termo técnico em sua interação com o paciente, precisa ter segurança quanto ao que significa o vocábulo e às diferenças que existem entre essa linguagem técnica e as palavras empregadas no linguajar comum, para poder falar a respeito. Só assim poderá certificar-se de que o paciente entendeu o diagnóstico e está em condições de seguir o tratamento.

Por outro lado, ao explicar e pôr em circulação a terminologia técnica, pode beneficiar-se de relatos mais precisos, da parte de seus clientes. Trocando em miúdos, a terminologia que emprega e a transposição da linguagem do paciente para o jargão especializado, na hora do diagnóstico, *fazem parte do exercício profissional* do médico, e isso não é apenas uma gentileza ou uma habilidade pessoal. Da mesma forma, todo e qualquer especialista, quando presta contas de suas atividades ao público em geral, vê-se diante da mesma demanda (BRASIL, 2012, p. 14).

Sendo assim, o usuário tem como recurso os dicionários que servem, então, para subsidiá-lo nessas situações, fazendo com que diminua a distância que separa o vocabulário e os recursos lexicais que ele domina das possibilidades que o léxico de sua língua oferece. Por essa razão, nas ocasiões em que o sentido das palavras está em questão, é sempre recomendado ter um bom dicionário por perto.

No terceiro tópico: *O que esperar de um dicionário de uso escolar?* Há o esclarecimento do quanto um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso, por sua proposta lexicográfica, para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades. Além disso, para o caso particular de Língua Portuguesa, um dicionário poderá dar subsídios importantes também para o estudo do léxico, em seus diferentes aspectos.

Segundo as proposições do *PNLD 2012: Dicionários*, na maior parte das propostas curriculares estaduais e municipais, um dos objetivos gerais da educação básica é desenvolver, no aluno, a capacidade de recorrer de forma adequada a diferentes linguagens, comunicando-se com eficácia em diferentes situações sociais. Uma vez que o progressivo domínio da linguagem escrita é central, tanto para o sucesso dessa empreitada quanto para o desenvolvimento da autonomia relativa do aluno nos estudos, os dicionários, certamente, têm uma contribuição efetiva a dar.

Assim, no tópico 4, *Novos dicionários estão chegando...*, relata-se que, desde 2006, um dos objetivos do PNLD tem sido o de equipar as escolas com um número significativo de diferentes tipos e títulos de dicionários. Informa-se que, dessa forma, as equipes docentes têm, à disposição, mais um recurso, não só para o enriquecimento de seu patrimônio cultural, mas, sobretudo, para um diálogo proveitoso, em sala de aula, com os *livros didáticos*, os *acervos complementares* destinados aos três primeiros anos do ensino fundamental, dentre outras obras disponíveis na *biblioteca escolar* ou

na sala de leitura, a exemplo dos periódicos e das obras teórico-metodológicas destinadas ao professor e dos vídeos da *TV Escola*.

Apresenta-se, então, o quadro com a classificação dos tipos de dicionários, exposto na seção 1 deste artigo, *O Programa Nacional do Livro Didático e os dicionários escolares*, organizada por etapas de ensinos, com suas respectivas características, de acordo com os parâmetros estabelecidos para essas etapas pelo PNLD 2012.

É muito fácil perceber, por meio dessa classificação, que os dicionários de um determinado tipo diferem dos demais não só pela quantidade e pelo tipo de palavra que registram, mas, ainda, pelo tratamento que dão às explicações de sentidos, à estrutura do verbete e à organização geral do volume. E essas diferenças de porte e organização devem justificar-se pelas particularidades do usuário visado (BRASIL, 2012, p. 20).

No tópico 5, *Como são esses dicionários?*, são citados os dicionários selecionados de cada tipo, do ponto de vista do nível de ensino a que se destinam e feita a descrição da organização estrutural de cada tipo, evidenciando que os dicionários distinguem-se, não só pelo porte de suas respectivas nomenclaturas, mas, ainda, pela forma como se organizam para atingir seu principal objetivo, de familiarizar o aluno com o gênero e oferecer ao trabalho de sala de aula subsídios para as primeiras explorações do vocabulário e do léxico.

No último tópico da primeira parte, *Como usar esses dicionários?*, verifica-se um “apelo” para que os dicionários de todos os Tipos, realmente, prestem os seus melhores serviços aos professores e alunos, constando como primeira providência a tomar, em qualquer nível de ensino, (re)conhecer o gênero em questão, e, em consequência, dominar as características do tipo de suporte de escrita a que ele está diretamente associado.

Desse modo, será preciso identificar o dicionário como um tipo particular de *livro* (convida o leitor/professor a ver as atividades propostas para serem trabalhadas

com dicionários que estão na segunda parte do livro). Para tanto, os dicionários enviados às escolas devem estar facilmente disponíveis para o uso.

Sendo assim, **se os alunos** conviverem com os diferentes tipos e puderem contar com a ajuda do professor, com certeza, **depreenderão** gradativamente a organização interna de cada um dos dicionários que têm para uso e reconhecerão os principais traços de seu projeto, tanto lexicográfico quanto gráfico-editorial. Ainda, “[...] o mais importante: terão acesso progressivo ao mundo do vocabulário, do léxico e da lexicografia” (BRASIL, 2012, p. 37-38).

Já, na segunda parte do livro, seguem propostas de atividades que têm o dicionário como referência, trabalham-se o vocabulário e o léxico. Estas atividades foram idealizadas para situações de uso do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, ou mesmo de linguagem oral, quando pertinentes.

Embora, em geral, estejam mais voltadas para alunos do segundo segmento do ensino fundamental (6º a 9º ano), as propostas podem ser adaptadas para iniciantes que já leem autonomamente, especialmente dos dois últimos anos do primeiro segmento. Também, com a devida cautela, podem ser adaptadas para alunos do ensino médio.

Em seguida, há a bibliografia consultada e os anexos que trazem os critérios utilizados no processo de avaliação dos dicionários, o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e um glossário técnico para entender a terminologia básica utilizada nos dicionários, como o que é um verbete, o conceito lema, que é o mesmo de entrada, o conceito de subentrada, a diferença entre exemplos, abonações e achegas.

Esses conceitos, esclarecidos, fazem a diferença para que o professor possa trabalhar e orientar melhor os alunos com os dicionários em sala de aula. Exemplo:

abonação [confrontar com **exemplo**] É um tipo de exemplificação que ilustra o emprego da entrada por meio de fragmentos extraídos de textos literários, jornalísticos, técnicos etc. Na tradição lexicográfica, as abonações costumam ser de autores literários consagrados têm natureza prescritiva,

enquanto na lexicografia moderna, de modo geral, são extraídas de um *corpus*, e têm caráter descritivo:

debulhar (de.bu.lhar) *v.t.d.* 1 tirar os grãos, os bagos ou as sementes de (fruta, cereal etc.). § “Debulhar o trigo, / recolher cada bago do trigo ...” (Milton Nascimento/ Chico Buarque, “O cio da terra”). (...) Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, Nova Fronteira, 2011. (BRASIL, 2012, p. 105)

achega Num verbete, *achega* é a informação que se acrescenta às de praxe, na explicação dos sentidos de uma palavra. Exemplo:

Orelha substitui *ouvido* na nova terminologia anatômica. Caldas Aulete – Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, 3ª ed., Lexicon, 2011. (BRASIL, 2012, p.105).

Apresentamos, a seguir, a metodologia usada para esse trabalho e as análises da macroestrutura e da microestrutura textual dos dicionários.

4. Metodologia

Estruturalmente, um dicionário organiza-se em dois eixos: o da macroestrutura e o da microestrutura. Welker (2004, p. 81) afirma que a macroestrutura de um dicionário vem sendo entendida em dois sentidos: fazendo referência “à forma em que o corpo de um dicionário é organizado” ou “como o conjunto de entradas”.

Neste trabalho, ficamos com a primeira acepção de Welker (2004). Desse modo, um dicionário, em sua macroestrutura, pode ser dividido em três partes: i) as páginas iniciais, em que frequentemente está a apresentação, o prefácio, a chave do dicionário, listas e abreviaturas; ii) o corpo do dicionário, parte em que estão os verbetes, a nomenclatura do dicionário e iii) as páginas finais, em que podemos encontrar anexos, tabelas, mapas, bandeiras, informações enciclopédicas, entre outras.

Esta disposição de elementos, entretanto, pode variar de dicionário para dicionário, ficando a critério de cada autor ou organizador incluir uma ou outra informação que julgar relevante para o consulente (SANTIAGO, 2012).

Já a microestrutura, segundo Haensch (1982), é o conjunto ordenado de todas as informações dentro do verbete. Assim estão contidas, na microestrutura, informações relativas à forma do vocábulo como a categoria gramatical, separação silábica, gênero, número, pronúncia, antônimo, sinônimo, etimologia, entre outras informações relativas ao conteúdo semântico da unidade léxica (ZANATA; MIRANDA, 2008).

Para as análises da macro e da microestrutura textual, selecionamos dois dicionários do Tipo 2: O *Dicionário ilustrado de português*, de Maria Tereza Camargo Biderman, 2ª ed., da editora Ática, 2012 e o *Dicionário escolar da língua portuguesa - ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Caldas Aulete, organizado por Paulo Geiger, 3ª ed., editora Globo, 2011; do Tipo 3 selecionamos: O *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, organizado por Paulo Geiger, 3ª ed., da Lexikon, 2011 e O *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2ª ed., da editora Positivo, 2011.

Vale mencionar que, para a escolha dos dicionários do Tipo 2, não usamos critérios específicos. A escolha foi devido a querermos conhecer melhor essas obras que se utilizam, muitas vezes, de ilustrações e figuras para a definição, para o conceito de uma palavra ou expressão e são destinadas aos alunos do 2º ao 5º segmentos do ensino fundamental.

Já os dicionários do Tipo 3 foram escolhidos porque são direcionados ao ensino fundamental do segundo ciclo, séries do campo de atuação de estágio e do exercício da docência dos professores da área de Letras, área em que atuamos, também, como professores.

Vale mencionar, ainda, que analisamos dois tipos de dicionários e apenas duas obras de cada tipo, devido ao nosso espaço exíguo, além de os quatro dicionários escolhidos serem de autores já bastante conhecidos na academia lexicográfica.

Assim, pretendemos fazer uma análise contrastiva entre os dois dicionários do Tipo 2 e análise contrastiva entre os dois dicionários do Tipo 3, no que diz respeito às características de cada um quanto à organização da macro e da microestrutura textual, a fim de verificarmos se os lexicógrafos, na composição desses dicionários, atendem aos critérios para o público-alvo a que se destinam, público infantil de 2^a, 3^a, 4^a e 5^a séries, dicionários Tipo 2; alunos do ensino fundamental das 6^a às 9^a séries, estabelecido pelo PNLD, como: i) linguagem adequada ao jovem leitor; ii) organização das entradas e iii) facilidade de entendimento dos verbetes.

As análises sobre a macroestrutura textual dos dicionários são feitas em forma de resenha e as análises da microestrutura são baseadas em estudos de Gonçalves e Zavaglia (2009) e Escribano (2003) e serão feitas por amostragem, com seleção de dois verbetes apenas, um nome e um verbo.

5. Análise da macroestrutura

5.1 Dicionários Tipo 2

5.1.1 *Dicionário ilustrado de português, de Maria Tereza Camargo Biderman*

Esta obra, com 2^a edição em 2012, conta com mais de 5.900 verbetes, que foram selecionados a partir de pesquisa feita por Biderman com um *corpus* do português brasileiro contemporâneo de seis milhões de palavras, cinco milhões relacionadas à língua escrita e as demais associadas à língua falada.

O vocabulário empregado inclui palavras relacionadas à tecnologia e ao universo científico contemporâneo. Como é um dicionário da língua portuguesa usada no Brasil, seus verbetes procuram dar conta dos mecanismos e dos recursos do nosso idioma, tanto nas informações de natureza linguística e gramatical, como também no uso das palavras expresso por meio de exemplos práticos que fixam o entendimento dos significados.

A obra apresenta o corpo editorial, o sumário, faz a apresentação em forma de poema, traz informações de como usar o dicionário, chave do dicionário, seguidas do prefácio, e lista de abreviaturas e símbolos. Na página 325, iniciam os anexos: Mapa do mundo, Bandeira dos países, Mapa do Brasil, Bandeira dos estados brasileiros, categorias gramaticais, Libras, animais, medidas, figuras geométricas, numerais e tempo.

Nos verbetes foram usadas as fontes tipográficas: *frutiger* (corpos 7, 8, 9,10) e *goudy* corpos (8, 9, 10). Muitas palavras aparecem ilustradas em cores por meio de fotos ou ilustrações realistas. A obra conta com mais de 750 imagens, que completam as informações sobre as palavras, mostrando traços distintos e característicos desses referentes. Biderman (2012) afirma que, desse modo, verifica-se também um aprendizado não verbal que se reflete em conhecimento e informação.

Para a autora

O ser ou objeto que a palavra refere só será plenamente apreendido pela mente do educando através do signo total: conceito (significado) + palavra + reprodução desse ser /objeto da realidade. Tratando-se de crianças que vivem o processo de conhecer o universo e o vocabulário que o representa, isso é fundamental. A definição linguística jamais substituirá a visão do referente ou de sua reprodução (BIDERMAN, 2012, p. 10).

Diante disso, fica evidente que ao usar essas imagens, aliadas a um projeto gráfico arejado, letras grandes, uso de cores e sinalização funcional, Biderman (2012) pretende tornar a consulta ao dicionário um ato prazeroso e fácil.

4.1.2 Dicionário escolar da língua portuguesa - ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Caldas Aulete

Esse dicionário foi organizado por Paulo Geiger e publicado pela editora Globo, 3ª edição, em 2011. É composto por 6.183 verbetes de acordo com a nova ortografia.

Nessa obra, há a apresentação do corpo editorial, nota dos editores, que explicam o projeto do *Dicionário escolar da língua portuguesa*, destinado à criança recém-alfabetizada, alunos do ensino fundamental 2º ao 5º anos, que começam a estudar, tendo a língua como eixo de seu aprendizado.

Para os editores, essa obra visa ser uma referência acessível para a compreensão dos significados e usos das palavras no universo dos alunos nessa faixa etária, baseando-se no conceito de que o aprendizado do mundo por meio do conhecimento das palavras não se esgota na lexicografia ou na pedagogia, que são seus fundamentos principais.

Assim, completam afirmando que o mundo das palavras é o mundo das coisas reais, das pessoas reais, com o qual a criança deve aprender a se integrar, a ser motivada e influenciada por ele, ao mesmo tempo em que o influencia e motiva. A comunicação é a base da integração entre as pessoas e aprender a comunicar é aprender sobre o mundo, sobre os outros, sobre si mesmo, e sobre a relação eu-outros. Por isso que ensinar é educar. As coisas são como as vemos, e aprendemos a vê-las quando aprendemos seus significados.

Ainda, segundo os editores, esta é a visão que orienta os métodos lexicográficos e pedagógicos do Caldas Aulete Tipo 2. Com um texto explicativo, em nível mais de diálogo do que de imposição, com informações adicionais e informações visuais como apoio para a compreensão dos significados, explicam o porquê de terem usado os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo para ilustrar praticamente todas as páginas do dicionário: os personagens de Monteiro Lobato representam a própria criança diante do mundo aventureiro das palavras, o que faz da obra uma aventura em si mesma. A aventura de ensinar, educar e divertir ao mesmo tempo.

Na página cinco, encontra-se o sumário, em seguida, nas páginas seis e sete, é apresentada *A Turma do Sítio*, cujos personagens são descritos um a um, trazendo, também, uma breve biografia de Monteiro Lobato. Na página oito, há o tópico *Aos*

educadores, com a apresentação da proposta lexicográfica e menção, novamente, ao número de verbetes que compõe o dicionário, sem dizer, especificamente, a fonte de pesquisa, os critérios que foram usados para a seleção dos vocábulos. Menciona-se apenas que o dicionário se propõe a cobrir o universo de palavras e de termos com que irá se deparar um jovem, entre seis e onze anos, entre o 2º e 5º ano do ensino fundamental, em sua educação e instrução escolar, nos campos de interesse cobertos pelos livros e revistas que vai ler, naquilo que vai ver e ouvir no jornal e na televisão ou na conversa dos “mais velhos”.

Os verbetes tiveram as cabeças grafadas em *Stone sans bold*, corpo 11, texto em *Nimrod MT* (com entradas suplementares em bold), corpo 10,5, com alinhamento pela esquerda, o que evita o uso de hifens e permite um arejamento da página e beneficia a leitura, tornando mais agradável a percepção do todo.

Permeiam as páginas do dicionário, 662 fotos e desenhos que foram usados não somente com caráter ornamental, mas com a função de informar, um suplemento à informação escrita, permitindo maior perfeição à compreensão de significados e usos. Para isso, dão grande destaque à comunicabilidade, à empatia, à marca dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Na página nove, apresenta-se a proposta pedagógica do dicionário. Nas páginas dez e 11, a chave do dicionário, *Como usar este dicionário*. Em seguida, *Modelos de conjugação*, para, então, ter início a ordem alfabética da apresentação dos verbetes, página 13. O dicionário tem um total de 496 páginas e, ao contrário de outras obras lexicográficas, não apresenta anexos.

5.2 Dicionários Tipo 3

5.2.1 Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda

O dicionário Aurélio Júnior, no que diz respeito à sua macroestrutura, informa o leitor, na apresentação, a composição gráfica do dicionário com detalhes: o dicionário

é composto em fonte *Times New Roman*, tamanho 8,5, e *Humanst521XBdCn BT –Extra bold*, tamanho 9, tem como um dos seus objetivos mais importantes apresentar uma descrição atual da língua portuguesa para estudantes já alfabetizados, que buscam ampliar seu vocabulário e, conseqüentemente, sua cultura geral.

Para isso, conta com 30.373 verbetes selecionados para o aluno dos anos finais do ensino fundamental e concebidos por uma equipe de lexicógrafos, com origem em uma base de dados reconhecidamente consolidada.

Na apresentação, informa-se, ainda, que o dicionário é do Tipo 3, que foi desenvolvido sob os cuidados e o trabalho árduo de pesquisadores, de várias áreas do conhecimento, que tiveram a atenção de utilizar, em todos os verbetes, uma linguagem adequada ao jovem leitor: as informações foram veiculadas de uma maneira clara, sem correr o risco de gerar mais dúvidas naqueles que as buscam.

Há menção, também, de que, para a realização da obra, a equipe de lexicógrafos teve a preocupação de aliar à tradição do idioma, tradição que serve de base à nossa cultura linguística, a modernidade dos dias atuais, disponibilizando para os jovens consulentes um universo vocabular verdadeiramente abrangente quanto à terminologia tecnológica, especialmente em se tratando da área de informática.

Outra informação mencionada é a de que o dicionário apresenta uma novidade: as rubricas que reúnem áreas de conhecimento antes muito diversificadas. Por exemplo, termos que poderiam ser indicados como integrantes da Geometria, da Trigonometria ou da Álgebra são assinalados como Matemática ou da mesma forma, alguma outra área incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao adotar esse critério, objetivaram também auxiliar os estudantes a terem uma visão mais integrada das diferentes áreas de conhecimento, de acordo com uma postura mais moderna em relação às ciências.

Destaca-se também o uso restrito que se faz, neste dicionário, das abreviaturas: trocaram todas as abreviaturas de uma letra só por reduções fáceis de entender,

principalmente no caso das classificações gramaticais (exemplo: subst. fem., em vez de s. f.).

A obra traz, como destaque adicional, em suas páginas iniciais, fonte de consulta para estudantes que estão desenvolvendo a escrita. As orientações sobre como escrever um texto, entre outras, servem como ferramenta para que esses estudantes trabalhem suas habilidades e se tornem mais seguros em relação ao uso da linguagem escrita.

Outra informação importante são os critérios adotados quanto:

- 1) à pronúncia das palavras: a) faz-se em geral apenas o registro do e ou do o fechados; b) a pronúncia dos vocábulos de língua estrangeira é feita de maneira simples, de modo a facilitar a compreensão do usuário do dicionário;
- 2) ao plural das palavras: são dados os plurais das palavras em ao (com exceção das terminadas em cão, são e xão, ou seja, ligadas a radicais verbais), os irregulares e dos vocábulos compostos, além, é claro, daqueles em que há variação do timbre da vogal [exemplo: aeroporto/aerportos (ó)];
- 3) às formas femininas das palavras é apresentado o feminino irregular (ou o que representa uma exceção);
- 4) aos superlativos: faz-se o registro apenas daqueles cuja forma difere da do radical do adjetivo;
- 5) à conjugação verbal: os verbos irregulares ou defectivos têm a sua conjugação apresentada ou remissiva para um verbo de igual paradigma;
- 6) aos gentílicos, ou seja, os nomes pátrios: têm, em geral, seu registro na tabela de países, pátrios e moedas, anexa no final, anexa no final da presente obra.

O dicionário traz, também, nas páginas iniciais, a chave do dicionário, explicações de como usar o dicionário, *Nosso alfabeto/alfabeto grego*, O dicionário e o uso das palavras, dicas, abreviaturas, resumo gramatical.

Nas páginas finais, encontram-se numerais, símbolos e unidades de medida, formas de tratamento, coletivos de seres e objetos, vozes ou ruídos produzidos por

animais, unidades da federação, presidentes do Brasil, os países e uma minieniclopédia.

Interessante ressaltar a inclusão da dedeira, tipo de marcação no meio das páginas na cor azul com a letra do verbete no centro, com a finalidade de facilitar o manuseio do dicionário, a sua consulta.

5.2.2 Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, de Caldas Aulete

Foi organizado, também, por Paulo Geiger e publicado pela editora Lexikon em 2011. Este dicionário contém 29.431 verbetes e 1924 locuções de acordo com a nova ortografia.

Na sua macroestrutura, apresenta o editorial, com toda a equipe responsável pela organização e elaboração do dicionário; o sumário; o prefácio, escrito por Evanildo Bechara. Ainda, nas páginas iniciais, há o item *O conceito e a proposta lexicográfica*, que traz alguns princípios básicos que nortearam a concepção, o planejamento e a feitura do dicionário, com a apresentação do conceito e da proposta em seus aspectos genéricos, pois as particularidades do dicionário estão descritas no item *Como usar o dicionário*.

Além disso, o dicionário apresenta outros itens importantes, a saber: *Uma pequena gramática*, de autoria de José Carlos Azeredo; paradigmas de conjugação, com o modelo completo de conjugação de mais de 50 verbos; formas de tratamento; elementos de composição, apresentando uma lista alfabética dos principais prefixos e sufixos, com o significado que emprestam às palavras que formam; coletivos; vozes e animais / animais e vozes; símbolos matemáticos; elementos químicos; Presidentes do Brasil; hierarquia militar; tabela de conversão de medidas; gentílicos brasileiros; montanhas mais altas do mundo; rios mais extensos do mundo; quadro dos povos indígenas brasileiros; quadro de países, com as respectivas capitais, suas áreas e

populações (estimativa de 2010); os 25 municípios mais populosos do Brasil, de acordo com o censo de 2010.

Traz, ainda, lista de rubricas, lista de abreviações, os símbolos usados nos verbetes, marcas de uso e regionalismos; regências verbais; etimologias; classes gramaticais. No final, apresenta uma minienciclopédia com nomes próprios.

5.3 Considerações acerca da macroestrutura

Com a análise da macroestrutura dos quatro dicionários, podemos observar alguns pontos em comum: editorial, sumário; páginas prefaciais com prefácio do autor ou da editora (Dicionário Caldas Aulete Tipo 3 com prefácio feito por Evanildo Bechara); apresentações da obra, com a proposta lexicográfica, critério obrigatório, contendo o público para o qual se destina, o número total de entradas, o número total de ilustrações, o tamanho e o tipo da fonte empregada (letras); apêndices com a chave do dicionário (guia de como usar o dicionário); siglas e abreviaturas mais usadas nos dicionários.

Pontos divergentes: minigramática, minienciclopédia, quadro de conjugações verbais, quadro de mapas, quadro de países, quadro de povos indígenas do Brasil, quadro de formas de tratamento, quadro de elementos químicos, tabelas de coletivos (anexos). O dicionário Caldas Aulete Tipo 2 não traz anexos.

6. Análise da microestrutura

Escribano (2003) assevera que um verbete é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário, formado pelo lema, palavra-entrada, que é a unidade léxica tratada, e por informações acerca desta unidade. Desse modo, o verbete pode ser caracterizado como o conjunto das acepções e de outras informações relacionadas à entrada do dicionário.

Ainda, segundo o autor, a acepção é um dos aspectos mais importantes da organização de um verbete. É por meio da acepção ou definição lexicográfica, que cada um dos sentidos realizados de um significado, aceitado e reconhecido pelo uso, irá aparecer verbalizado.

Conforme já mencionamos, a microestrutura de um dicionário é composta pela ordenação dessas informações dispostas no verbete. As informações nos verbetes podem variar de dicionário para dicionário, dependendo da função, do propósito do dicionário, de seus usuários e destinatários ou de outros fatores (ESCRIBANO, 2003).

Geralmente os verbetes nos dicionários trazem informações sobre ortografia, categoria gramatical, gênero, número, definição, exemplos, sinônimo, antônimo, etimologia. As informações dispostas em um dicionário escolar priorizam, essencialmente, segundo Pontes (2009), a palavra-entrada, a categoria gramatical e a definição.

Outros elementos, como etimologia, sinônimos, antônimos, exemplos, abonações de uso, fraseologia, informações fônicas, subentradas, remissivas, entre outras, também podem aparecer dependendo do tipo de dicionário, do tipo de usuário.

A seguir analisamos a microestrutura do verbete **coração** e do verbete **amar**, um nome e um verbo, cujas informações foram extraídas de cada um dos quatro dicionários mencionados.

6.1 Dicionários Tipo 2

6.1.1 *Dicionário ilustrado de português*, de Maria Tereza Camargo Biderman

Os verbetes deste dicionário estão em ordem alfabética, no alto de cada página há uma indicação da primeira e da última palavra que constam nela. As entradas estão na cor azul e as informações lexicográficas seguem a estrutura:

ENTRADA + categoria gramatical + gênero + divisão silábica + sílaba tônica + definição + exemplo + sinônimo + antônimo + expressões idiomáticas + plural + remissão para outra entrada ou para uma figura.
--

O verbete **coração** encontra-se transcrito da seguinte forma:

Coração s. masc. co-ra-ção. **1.** Órgão oco, feito de músculo, que fica no peito. O coração bombeia o sangue para todo o corpo. **2.** Centro das emoções e dos sentimentos. Desde que Célia desmanchou com o noivo ninguém mais ocupou o seu coração. Ter bom coração: ser bom. Ter um coração de ouro: ser uma pessoa bondosa. Ter um coração de pedra: não ser sensível nem bondoso. **pl.:** corações. ver figura **corpo humano** (p. 82) (BIDERMAN, 2012, p. 81).

A entrada (**coração**) está na cor azul, seguida da categoria gramatical e do gênero, assim, vem indicando que a palavra é um substantivo do gênero masculino. Depois, a separação silábica, com a marcação da sílaba tônica acentuada (em destaque co.ra. **ção**) e a definição, marcada com números, que indica mais de uma definição (1 e 2). As definições foram seguidas de exemplos. Logo após vêm expressões idiomáticas com a palavra coração, o plural de coração (corações) e uma remissiva, indicando ao consulente que observe a figura da página seguinte (82), onde há a imagem de um coração.

O verbete **amar**:

amar v. a-*mar*. Sentir amor por; querer bem. *Romeu e Julieta* se amavam.
sinônimo: gostar. **antônimo:** odiar.

ENTRADA + categoria gramatical + separação silábica + sílaba tônica + definição + exemplo + sinônimo + antônimo.

A microestrutura do verbete amar é composta pela entrada, categoria gramatical, a classe, no caso é o verbo, separação silábica e sílaba tônica em destaque (a -**mar**), definição seguida de exemplo, sinônimo e antônimo. Não há referência acerca da transitividade do verbo.

6.1.2 Dicionário escolar da língua portuguesa - ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Caldas Aulete

Este dicionário traz seus verbetes em ordem alfabética e a entrada também em azul. Nas páginas em que estão os verbetes, ao pé de cada página dupla, para facilitar a consulta, há uma barra de abreviações utilizadas nos verbetes e os sinais especiais que marcam as entradas das palavras. Os verbetes do Caldas Aulete Tipo 2 seguem a seguinte estrutura:

ENTRADA + divisão silábica + sílaba tônica + categoria gramatical + gênero + definição + exemplos + locuções e expressões idiomáticas + indicação de contexto + informações adicionais [plural, antônimo, sinônimo, superlativos] + derivadas + subentradas + índice.

O verbete **coração** no Caldas Aulete Tipo 2:

Coração co.ra.ção **sm.** **1** medicina O coração é o órgão do corpo humano que fica do lado esquerdo do peito, dentro do tórax, e que serve para bombear sangue para todas as partes do corpo. **2** figurado É também a parte mais importante ou mais profunda de alguma coisa: o coração da cidade. A tribo indígena fica no coração da floresta. **3** figurado Também se diz que o coração é o lugar onde ficam nossos sentimentos e emoções: A história triste tocou seu coração. **4** figurado O coração é o modo como cada um é, com seus sentimentos e características: As pessoas que ajudam as outras têm um bom coração. **5** figurado Bondade: Era uma mulher má, sem coração. [PL.: *corações*.] (CALDAS AULETE, 2011, p.133)

A microestrutura do verbete está composta pela entrada, divisão silábica, que é feita por pontos e não por hífen, a sílaba tônica está sublinhada (-ção), em seguida temos a classe gramatical e o gênero, substantivo masculino; depois a indicação de contexto em azul, palavra que pertence ao campo da Medicina; a definição, seguida de mais três indicações de contexto no campo da linguagem figurada, com definição e exemplos. Para terminar, há informações adicionais, neste verbete, o plural de coração, *corações*.

O verbete **amar** no Caldas Aulete:Figura 1 – Verbetes amar no *Dicionário escolar da língua portuguesa*, de Caldas Aulete.

Fonte: Caldas Aulete, 2011, p.38

ENTRADA + divisão silábica + sílaba tônica + classe gramatical + definição + transitividade verbal + exemplos + conjugação verbal.

O verbete tem a entrada, **amar**, seguida de divisão silábica, sílaba tônica, classe gramatical. São apresentadas quatro definições, três com o verbo amar com transitividade direta e uma com intransitividade e os exemplos. No final, entre colchetes e em azul, a conjugação do verbo é indicada, com base em quatro modelos apresentados no início do dicionário: verbos terminados em **ar**, **er**, **ir** e o verbo **pôr**. A terminação do verbo que é para ser consultada vem sublinhada, no caso do verbo **amar**, está marcada a conjugação dos verbos terminados em **ar**.

Para completar o significado do verbo, há, junto ao verbete, a imagem de dois personagens do sítio do Pica-pau amarelo, Emília e Tia Nastácia, que se abraçam, demonstrando muito amor, carinho e afeto, reforçando o significado do verbete.

Considerando a destinação escolar dos dicionários, o tipo em que se classificam, o público a que visam, alunos do ensino fundamental do 2º ao 5º ano, ambos os

dicionários atendem aos princípios da Lexicografia propostos pela comissão de avaliação de dicionários do MEC.

Como os dicionários escolares devem considerar o seu caráter pedagógico, assim trazem, nas entradas dos verbetes, linguagem clara e acessível para o entendimento das informações neles dispostas. Ambos trazem a separação silábica das palavras, indicação obrigatória exigida no processo de avaliação dos dicionários deste tipo.

Em relação ao número de acepções, no verbete *coração*, o dicionário de Biderman traz duas acepções e três expressões idiomáticas, bem exemplificadas; já Caldas Aulete traz uma acepção com indicação de contexto, área da Medicina, e as demais são rubricas com indicação de linguagem figurada. Todas também com exemplos. Os dois dicionários trazem o plural da palavra.

No verbete *amar*, como é um verbo, o dicionário de Caldas Aulete é mais completo. Traz a categoria gramatical, definição, a regência, a transitividade do verbo, exemplos e indica a conjugação do verbo. Mas não informa o sinônimo e o antônimo do vocábulo.

Já no dicionário de Biderman, no verbete *amar*, não há indicação de regência, de transitividade. Segundo a autora, isso não acontece porque informações sobre transitividade do verbo são conceitos que ela acredita que ainda parecem difíceis aos alunos dessa faixa etária, levando-se em consideração o grau de abstração que tal questão gramatical representa (BIDERMAN, 2012, p. 10). Também não faz menção à conjugação do verbo. Só indica a categoria gramatical, faz a definição, exemplifica, entretanto traz o sinônimo e o antônimo.

Informações em comum: divisão silábica, sílaba tônica, classe gramatical, regência (verbo), gênero, definição e exemplos.

Informações divergentes: locuções e expressões idiomáticas, indicação de contexto, informações adicionais [antônimo, sinônimo], remissiva, transitividade e conjugação verbal.

6.2 Dicionários Tipo 3

6.2.1 Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda

O dicionário *Aurélio Júnior* traz, também, os verbetes em ordem alfabética e, na abertura de cada letra, há um desenho da letra e a imagem de vários objetos que começam por essa letra. A entrada dos verbetes vem sempre em azul e, de um modo geral, está assim composta:

ENTRADA + separação silábica + categoria gramatical + gênero + rubrica + definição + exemplos + locuções ou expressões idiomáticas + abonação + ortoépia

O verbete **coração** no *Aurélio Júnior* (2011):

co.ra.ção *subst. masc.* **1.** *Ciências naturais* Órgão oco, muscular, que fica na cavidade torácica, e é formado de duas aurículas e dois ventrículos, e recebe o sangue e o bombeia mediante movimentos ritmados. **2.** *Figurado* A natureza ou a parte emocional do indivíduo. **3.** Amor, afeto. **4.** Qualquer objeto de forma semelhante à do coração. **Coração de ouro.** O de uma pessoa muito bondosa. Generosa. **Coração de pedra.** O de uma pessoa insensível, impiedosa. **Abrir o coração.** Confessar o que está sentindo; fazer confidências. **De cortar o coração.** Diz-se do que provoca grande comoção. (AURÉLIO JÚNIOR, 2011, p. 254).

O verbete **coração** tem sua microestrutura formada pela entrada, que já se encontra com a separação silábica, categoria gramatical e gênero, rubrica, que vem em itálico e indica a área de conhecimento em que a palavra é usada com tal significado, no caso de coração é usada na área das *Ciências Naturais*. A rubrica também é usada para referir-se ao uso ou ao nível de linguagem em que as palavras são usadas, como

Gíria, Figurado, Depreciativo, como foi citado na acepção 2 do verbete. Em seguida, vem a definição, com exemplos e as expressões idiomáticas. Nesse verbete, não há abonação e referência ortoépica.

O verbete **amar** no *Aurélio Júnior* (2011):

ENTRADA + separação silábica + categoria gramatical + regência + definição + exemplo

a.mar *verbo trans. dir.* **1.** Ter amor a: *Ama os filhos sem exceção.* *Intrans.* **2.** Ter amor: estar enamorado. *Pronominal* **3.** Ter sentimento mútuo de amor, ternura, paixão. **4.** Praticar (duas pessoas) o ato sexual. (AURÉLIO JÚNIOR, 2011, p. 74).

O verbete **amar** é composto da entrada, já separada em sílabas, seguida da categoria gramatical, da regência do verbo, que indica a sua transitividade, verbo transitivo direto. Depois vem a definição, com exemplo criado pelo autor. O exemplo vem sempre em itálico, após dois pontos.

6.2.2 Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, de Caldas Aulete

Os verbetes do Minidicionário de Caldas Aulete têm a entrada grafada em negrito e a maioria das informações que o compõe estão estruturadas da seguinte maneira:

ENTRADA + separação silábica + gênero + sílaba tônica + classe gramatical + pronúncia + rubrica + definição + exemplo + abonação + locução ou expressão idiomática + subentrada + achega de definição + achega de verbete + achega enciclopédica + remissiva + ilustração

O verbete **coração** no Caldas Aulete:

Figura 2 – Verbetes coração no Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, de Caldas Aulete.



Fonte: Caldas Aulete, 2011, p. 226.

Nesse verbete, observamos que a entrada é seguida da separação silábica, entre parênteses, com a sílaba tônica em *itálico* (co.ra.ção). Seguem-se a classe gramatical e gênero, a rubrica, indicação de contexto, permite identificar o contexto em que se dá o uso da palavra (a acepção 1 mostra que coração é usado na Anatomia e, nas acepções 4, 5, 6 e 7, indica-se o nível de uso da língua, que a palavra pode ser usada em sentido figurado).

Depois vem definição, exemplos, grafados em *itálico*, precedidos de dois pontos, com o vocábulo exemplificado sublinhado; as expressões idiomáticas; chegada de verbete, que traz informações adicionais sobre o vocábulo, no caso a formação ou etimologia (F.); chegada de enciclopédia, traz mais informações sobre o vocábulo que não se restringem apenas aos aspectos lexicais (seus significados), estende-se a sua importância nos contextos social, cultural, científico, econômico, médico, entre outros, vem sempre no final do verbete, sobre um fundo de cor, conforme pode-se ver na figura acima. E, por fim, a ilustração de um coração, com suas partes. A ilustração tem

caráter elucidativo, pois visa-se que o consulente associe a visualização da imagem à compreensão do significado do vocábulo. Não há remissiva.

O verbete **amar**, *Caldas Aulete* (2011):

Amar (a.mar) v.1 Ter amor a (alguém, algo ou si mesmo). [**td.**: *Amava o rapaz.* **pr.**: *Amam-se desde a infância.*] 2 Gostar muito de (fazer algo). [**td.**: *Amava ler.*] 3 Experimentar o sentimento de amor. [**td.** (sem complemento explícito): *Não pensava em nada, só amava.*] 4 Sentir profunda afeição ou devoção por. [**td.**: *amar (a) Deus/ (a) o próximo.* Nota: O a é enfático e não configura regência indireta.] [1amar] [F.:Do lat. Amare. Hom./Par.: amais (fl), a mais (loc.); amo (fl.), ama (s) (fl.) ama (s) (sf. e pl.); (s) amara, amaram, amaras, amarem, amares, amaremos (fl. e fl. de amarar); amasse, amassem, amasses (fl. e fl. de amassar); amáramos (fl.) amaramos (fl. de amarar); amáreis (fl.) (fl. de amarar); amásseis (fl.), amasseis (fl. de amassar); amássemos (fl.), amassemos (fl. de amassar); amem (fl.), amém (adv., interj. e sm.).] (CALDAS AULETE, 2011, p. 42).

ENTRADA + separação silábica + sílaba tônica + classe gramatical + definição + regência + exemplo + achega de definição + achega de verbete

A entrada do verbete segue de separação silábica entre parênteses, com a sílaba tônica em itálico (a.mar), classe gramatical, definição, regência com a transitividade do verbo, seguida de exemplos, grafados em itálico com a palavra exemplificada sublinhada.

Após vem a achega de definição que, segundo Aulete (2011, p. xiii) é uma área de informações suplementares sobre determinada acepção, apresentada entre colchetes, que pode conter informações sobre regências e seus exemplos, como foi explicitado, e notas elucidativas, como a que foi apresentada no verbete em questão.

Depois, segue a achega de verbete, com a etimologia e a indicação de que a palavra é homônima e parônima: ama (verbo) / ama (substantivo); amais (v.) e a mais (loc.) entre os outros exemplos elencados. Nesse verbete, não há ilustração nem remissiva.

As informações comuns nos dois dicionários são: separação silábica, gênero, classe gramatical, definição, rubrica, exemplos, locução ou expressão idiomática, regência (transitividade verbal).

E as informações divergentes: chegada de definição, chegada de enciclopédia, chegada de verbete [etimologia, homônimo e parônimo], ilustração.

7. Considerações finais

De acordo com a avaliação do MEC (BRASIL, 2012), os dicionários do Tipo 2 são bastante diversos no que diz respeito ao projeto gráfico e à estrutura dos verbetes, configurando propostas lexicográficas distintas.

Essas obras, muitas vezes, do ponto de vista pedagógico, aproximam-se ora dos dicionários do Tipo 1, ora dos dicionários do Tipo 3. Isso permite aos professores estratégias didáticas bastantes variadas, seja de ensino e aprendizagem de gêneros, seja de tratamento do vocabulário e do léxico (BRASIL, 2012, p. 29).

O *Dicionário ilustrado de português*, de Maria Tereza Camargo Biderman, por exemplo, tem como diferencial um projeto gráfico-editorial que lembra as enciclopédias infanto-juvenis. O dicionário tem o formato semelhante ao de livros didáticos e com muitas ilustrações, a apresentação dos verbetes ocorre em uma sequência bem didática, com linguagem simples, mas precisa e adequada aos alunos do nível a que ele foi destinado.

De modo geral,

[...] a obra procura cumprir o duplo desafio de motivar as crianças para o fascinante mundo das palavras e de introduzi-las no universo de um dicionário bastante semelhante, no que diz respeito à organização do verbete e às informações disponíveis, aos destinados a adultos (BRASIL, 2012, p. 31).

Já o *Dicionário escolar da língua portuguesa* de Caldas Aulete traz, como recurso motivacional, o universo ficcional da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, que ilustra as páginas dos verbetes, os quais, muitas vezes, têm rubricas retomadas e desdobradas no rodapé da página: estrangeirismos, subentradas, locuções, sinônimos, antônimos etc..

Assim, considerando que nosso intuito com esse artigo é apresentar uma análise contrastiva desses dois dicionários do Tipo 2, no que se refere às características da organização da macro e microestrutura textual de cada um, foi-nos possível verificar que os lexicógrafos, na composição desses dicionários, atendem ao público-alvo a que se referem em suas propostas lexicográficas, alunos do ensino fundamental I, com faixa-etária dos 6 aos 10 anos, ao usarem linguagem adequada ao jovem leitor e com organização das entradas que propiciam facilidade de entendimento dos verbetes.

O ponto negativo dessas duas obras foi o uso de remissivas, uma vez que acreditamos que os alunos, nessas séries, principalmente as 2^a e 3^a séries, precisarão do auxílio do professor para chegarem à remissão indicada no corpo do verbe.

Os dicionários do Tipo 3 têm projeto gráfico-editorial orientados para o público jovem escolarizado, alunos de 11 a 14/15 anos. As obras deste tipo, no caso analisado, *Aurélio Júnior* e *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, configuram-se como representativos do léxico do português brasileiro contemporâneo, incluindo palavras de todas as classes e tipos; e, algumas vezes, siglas, símbolos, afixos etc.

Ambos têm características típicas de minidicionários de uso geral, pois registram entre 19.000 e 30.000 palavras; “[...] só se valem – quando é o caso – de ilustrações funcionais, jamais recorrendo, portanto, a universos ficcionais ou perseguindo objetivos puramente motivacionais (BRASIL, 2012, p.32).

A estrutura dos verbetes é mais complexa que a dos dicionários do Tipo 1 e do Tipo 2, trazendo mais informações linguísticas sobre as palavras registradas. Além

disso, nas definições e explicações, fazem uso de uma linguagem mais impessoal, às vezes mais especializada ou técnica, nem sempre acessível para o aluno.

Com isso, considerando o nível a que se destinam (alunos do ensino fundamental de 6º ao 9º ano), as duas obras analisadas poderão demandar, conforme a realidade da sala de aula, a mediação do professor para melhor entendimento dos verbetes.

O aspecto positivo desses dois dicionários é que a tradição lexicográfica está representada, de diferentes formas, no *Aurélio Júnior* e *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete.

No primeiro, como o título já indica, é uma versão “[...] júnior, ou seja, a mais jovem de um dos mais tradicionais dicionários brasileiros. Já o Caldas Aulete, filia-se a uma prestigiosa obra de origem portuguesa, que teve importantes e renovadoras edições brasileiras até a década de 1980” (BRASIL, 2012, p. 34).

Em vista disso, a sintonia com a atualidade e a preocupação didática ultrapassam, no caso dessas duas obras, as declarações de intenções dos respectivos prefácios. A esse respeito, lemos no *PNLD 2012: Dicionários*:

[...] a seleção lexical é representativa do português brasileiro contemporâneo; há guias de uso voltados para o jovem consulente; apêndices e informações complementares procuram suprir tradicionais demandas escolares (minienciclopédia para nomes próprios; tabelas de conjugação verbal; resumos ortográficos e/ou gramaticais; boxes com informações enciclopédicas em verbetes como “Bíblia” ou “natação” etc.) (BRASIL, 2012, p.34).

Vale ressaltar, ainda, que, entre esses dois dicionários, apenas o Caldas Aulete traz ilustrações, na maioria dos casos, em verbetes em que a informação visual é bastante relevante para a elucidação dos sentidos.

Como nossa intenção não foi a de julgar qual é a melhor obra, mas sim a de fazer uma análise contrastiva entre duas obras de dois Tipos (Tipo 2 e Tipo 3), acreditamos

que não só os dicionários que aqui analisamos, mas todos os dicionários selecionados pelo *PNLD 2012: Dicionários* são de boa qualidade e estão em consonância com os critérios da Lexicografia Pedagógica no que diz respeito à organização da macro e microestrutura.

Desse modo, os professores têm um recurso muito importante para auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagem, não só nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, contam com o apoio do livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, material que auxilia no uso e no trabalho com os dicionários escolares em sala de aula. Indispensável que os professores conheçam e compreendam as propostas pedagógicas dessas obras, seus aspectos estruturais, a fim de que, realmente, os dicionários possam ser incluídos nas aulas de Língua Portuguesa e outras disciplinas.

Sendo assim, concordamos com a assertiva de Coroa (2011, p. 72) ao dizer que “[...] livros didáticos, dicionários e outros materiais que dão suporte às atividades didáticos-pedagógicas trazem para a sala de aula diálogos com a história, com a diversidade social, com instituições nacionais e com experiências pessoais”.

Diante de tudo que expusemos, acreditamos que o dicionário escolar é, sem dúvida, um recurso pedagógico muito útil em sala de aula. Krieger (2007, p. 308) assevera que “[...] uma escolha adequada poderá motivar e favorecer o uso mais produtivo do dicionário ao longo do processo do ensino-aprendizagem, superando a simples conferência do certo/errado”.

Portanto, quando o grande potencial didático dessas obras for descoberto como uma via de mão dupla, professores e alunos poderão ganhar muito com os ensinamentos lexicográficos.

Referências Bibliográficas

AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. (org. Paulo Geiger) 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

AULETE, C. **Dicionário escolar da língua portuguesa**: ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. (org. Paulo Geiger) 3ª ed. São Paulo: Globo, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Elaboração Egon de Oliveira Rangel. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2012.

COROA, M. L. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, Marcos. (org.) **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ESCRIBANO, C. G. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) **Lexicografía española**. Barcelona: Editora Ariel, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2ª Ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GONÇALVES, S. de C. P.; ZAVAGLIA, C. Uma análise dos dicionários do Tipo 2. In: **VII ENGTLEX**, 2009, São José do Rio Preto. Resumos Expandidos do VII ENGTLEX, 2009.

KRIEGER, M. da G. O dicionário de Língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

KRIEGER, M. da G. Dicionário de Língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (org.) **Questões de Linguística**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

SANTIAGO, M. S. Análises contrastivas de microestruturas dicionários escolares. I: **Pesquisas em discursos pedagógicos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/1838179/An%C3%A1lises_contrastivas_de_microestruturas_em_dicion%C3%A1rios_escolares. Acesso em: 20 jul. 2018.

WELKER, H. A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZANATTA, F.; MIRANDA, F. B. **A normatividade nos dicionários gerais de Língua Portuguesa.** Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/04_11.pdf. Acesso em: 20 jul. 2018.

Artigo recebido em: 31.03.2018

Artigo aprovado em: 03.09.2018